

Editorial

Certa feita, num desses compêndios de frases espirituosas, sob o verbete “casamento”, li a seguinte afirmação: “O segundo casamento é o triunfo da esperança sobre a experiência.” A assertiva prima pelo alto grau de percepção de seu autor, o escritor inglês Samuel Johnson, e hoje me levou à reflexão. Não que esteja às portas da igreja novamente, de forma alguma. Aliás, a experiência, mesmo em sua primeira incursão, exige uma coragem que, apesar de editor, ainda não fui capaz de demonstrar. Contudo, sinto-me imerso em situação análoga e, devo confessar, a esperança me invade o raciocínio. Mas explico melhor. Fui o idealizador deste periódico, se é que assim posso chamá-lo. Auxiliado por quatro outros alunos do curso de direito, desencadeei o processo de criação e confecção de seus primeiros números – entusiasta como, imagino, seja do feitio daqueles que realizaram feito semelhante. Fiz questão, junto a meus colegas, de instaurar em sua redação diretrizes de independência, criatividade, inteligência e atualidade. Tudo isso e mais, por certo, um bom uso do idioma. Neste início, tudo se desenrolou de forma tão promissora que iniciamos o desenvolvimento de novos projetos, como o julgamento simulado e grupos de discussão literária e de cinema. O entusiasmo das primeiras realizações, todavia, logo se foi, atropelado por toda sorte de dificuldades: escassez de artigos, falta de recursos financeiros e sobrecarga laboral, ao passo que meus colegas foram deixando o projeto. Vi, iminente, desta forma, o fim de tudo que havíamos criado e mantido. Frustradas as últimas tentativas de perpetuar a criação, por fim, desisti. E desisti desconsolado. A revista e todos os seus projetos conexos significavam espaço importante, gerido e criado em iniciativa independente de alunos do curso, priorizando valores por vezes esquecidos em nosso complicado sistema de ensino. Havia sido a contribuição de um grupo de estudantes que, no afã de retribuir a oportunidade oferecida na Universidade, tentou melhorá-la. Sua extinção, de fato, entristeceu todos os que por ela trabalharam. A universidade, nesse meio tempo, todavia, mudou. O antigo departamento de direito da faculdade de ciências sociais consolidou-se em suas novas vestes de faculdade. O bar da Mara foi reformado. O fluxo do curso, restabelecido. A coisa chegou num ponto em que até jogaram britas no estacionamento de terra! E em meio a todas essas transformações, surgiu um novo sistema de distribuição de créditos segundo o qual o aluno de graduação deveria, obrigatoriamente, obter um número mínimo de pontos em atividades extracurriculares. E exato nesse contexto que cogitou-se a reativação do Conselho Editorial e seus projetos, o que realmente aconteceu. Nessa nova tentativa, já foi realizado um novo julgamento simulado, que alcançou o maior índice de público em todas as suas edições. Uma nova página na internet foi elaborada e disponibilizada, e restabelecemos o intercâmbio com diversas faculdades de direito em todo o país. Por fim, a última – e o vocábulo vem sem a completa força que implica – conquista: este quarto número, primeiro de uma nova e longa série. Mas... dizia algo sobre esperança e experiência. Talvez, no fundo, deixando de lado a subversão do significado original do vocábulo, prefira remodelar o que disse, e queira acreditar apenas que é das grandes esperanças que surgem as mais elevadas experiências. E isso é o que vale.